

Conflito e Negociação na obra de Motolinía

Anderson Roberti dos Reis

Os cenários do conflito e as possibilidades de paz

“Porque como esta batalla se dio en unos campos rasos, adonde no hay árboles ni montes, fueron vistas lumbres algunas noches, y muy temerosas y espantosas voces como de gente trabada en batalla, que decían: ¡mueran, mueran, mátalos, mátalos, a ellos, a ellos, préndelo, llévale, no le dejes vida!”

Historia de los indios de la Nueva España, Tratado III, Capítulo XI. Frei Toribio Benavente Motolinía.

Trechos como este são freqüentes na obra de Motolinía. O cenário do conflito é constantemente representado pelo frade que, ao longo do texto, procura apontar as possibilidades de paz. A Nova Espanha do século XVI foi palco de diversos atritos, sobretudo nas esferas política e religiosa. O processo de colonização e evangelização da América gerou muitos desencontros; uns no cotidiano dos indígenas e espanhóis, outros no aparelho administrativo colonial. O objetivo deste trabalho é, em primeiro lugar, identificar os conflitos ou situações de guerra destacados por Motolinía em sua *Historia de los indios de la Nueva España* e, em seguida, discutir como ele narrou esses confrontos e apresentou os caminhos para a negociação. Partiremos da hipótese que o frade registrou, a seu modo, os diversos episódios de conflito e postulou, como esperança de acordo e paz, os trabalhos missionários (dos franciscanos) e a conversão ao Cristianismo.

Indígenas contra indígenas: a leitura política e moral

Frei Motolinía passou 45 anos trabalhando junto aos indígenas da Nova Espanha. Desde 1524, ano em que chegou, ele apressou-se em aprender as línguas locais, evangelizar e, assim, contribuir com o processo de colonização espanhol. Das incursões pelas culturas indígenas o franciscano registrou os primeiros cenários do conflito: aqueles entre os próprios ameríndios. O autor nos conta que quando os espanhóis chegaram à

América encontraram os povos em guerra¹. Os motivos desses confrontos são apenas esboçados superficialmente pelo frade: “*En esta Nueva España siempre había muy continuas y grandes guerras, los de unas provincias con los de otras, adonde morían muchos, así en las peleas, como en los que prendían para sacrificar a sus demonios*”.²

Neste trecho o religioso identifica duas dimensões do conflito entre os indígenas: as *peleas*, ou os combates físicos e lutas; e as guerras de captura para sacrifícios (ou os combates ritualizados conhecidos como “guerra florida”). As primeiras, Motolinía explica usando argumentos de ordem política, como por exemplo, a disputa por territórios ou pela soberania em determinada região; já o segundo tipo de confronto é descrito pelo frade a partir de sua leitura moral: os sacrifícios são formas de alimentar o demônio; logo esses conflitos são obra do diabo que assolam a Nova Espanha.

Motolinía compreende as guerras entre os nativos a partir de sua perspectiva, seja no âmbito político ou no cosmológico/religioso. A narrativa cria uma tensão e constrói o Novo Mundo a partir da seguinte lógica: falta aos indígenas formas de organização política e, também, o conhecimento do “Deus verdadeiro”. Essa leitura não é exclusiva do tema “guerra” e “conflitos”, estendendo-se para as noções de idolatria, cerimônias, poligamia, embriaguez e rebeldia presentes ao longo do texto. Assim, torna-se necessária a intervenção externa para que haja um acordo e, por conseguinte, as condições de negociação e convivência entre todos. A possibilidade do acordo tem sua origem na Providência divina e deve ser concretizada nos trabalhos dos religiosos responsáveis pela justiça e paz³.

Lobos e cordeiros: colonos contra indígenas e a Providência divina

O segundo tipo de conflito sugerido na *Historia* é aquele entre os colonos espanhóis e os indígenas. O motivo desses atritos era a cobiça⁴, que provocava a exploração dos indígenas e sua contrapartida, a resistência. Aqui a narrativa estrutura-se a partir da oposição “espanhol mau/índio bom”. Embora Motolinía não parta sempre desse

raciocínio, os conflitos entre uns e outros são compreendidos e descritos nesses termos. Uma exceção a essa regra aparece quando o frade diz que os indígenas reservavam campos estéreis para suas batalhas e que isso só mudou com a chegada e intervenção dos colonos espanhóis.

Havia um ditado e uma crença entre os religiosos que Motolinía registrou: *“el que con los indios es cruel, Dios lo será con él”*⁶⁵. Esse refrão é transformado em imagens pelo franciscano, que narra alguns casos de espanhóis que maltrataram os indígenas e, prontamente, foram punidos por Deus. Entre as mais interessantes, encontramos a história de um colono que ia açoitando e gritando com os índios que carregavam grandes pesos. A exploração prosseguia até que surgiu, do matagal ao lado da estrada, um tigre que pegou o espanhol pela boca e o jogou no monte. Os indígenas foram libertados da “opressão” pela Providência. Nesse relato não importa as suas origens, a questão da “verdade” ou da possibilidade disso ter ocorrido, mas sim o efeito conseguido. Motolinía parte da tensão e do conflito, condena a cobiça e postula a justiça divina. Com isso, sua narrativa (e devemos pensar que esses episódios também circulavam oralmente nas missas e pregações) estabelece um palco onde o temor à justiça de Deus é uma das condições para a paz social.

O conflito sobrenatural entre Deus e o diabo

O terceiro tipo de conflito identificado na *Historia* é aquele entre “Deus” e “Diabo”. Essa “guerra sobrenatural” é representada pelo franciscano nos relatos sobre a conversão e a resistência ao Cristianismo dos indígenas. Assim, quando se percebia que os índios já assistiam à missa, rezavam, faziam o sinal da cruz e sabiam de cor o Credo, Motolinía assinalava a vitória de Deus sobre as forças malignas. Caso verificasse que havia persistência das antigas práticas, ele constatava a resistência diabólica às investidas cristãs. Isso não significava que havia a impossibilidade da conversão ou que o diabo vencera determinadas batalhas, mas, ao contrário, reforçava a necessidade da cristianização e dos trabalhos pastorais cotidianos juntos aos nativos. Aqui estamos estendendo a idéia de

conflito: pensamos que a situação conflituosa não se dá somente no momento do contato corporal, das lutas e guerras. Ela dá-se, também, no momento em que se percebe uma disposição que pode levar às vias de fato ou aos embates teóricos. Esse é o cenário que Motolinía constrói: há a constante disposição para os conflitos, sejam eles intelectuais, “sobrenaturais” ou físicos; a possibilidade da negociação está na ação missionária, sobretudo nos domínios dos franciscanos.

Em termos práticos, como o autor da *Historia* percebia a guerra entre o Bem e o Mal? Esse atrito tomava corpo nas atividades diárias: a destruição dos ídolos representava a primeira vitória cristã. A idolatria era considerada o principal obstáculo a ser superado para que lograsse a conversão ao Cristianismo. Logo os entreveros em torno dos ídolos indígenas são os referenciais para atestar, ou não, o sucesso da evangelização. As destruições dos ícones e dos templos e o avanço na conversão, tarefas levadas a cabo pelos religiosos, resultava na revolta do demônio que investia contra os nativos, só sendo derrotado pela força do nome de Jesus ou pelo apego às cruzes colocadas sobre os escombros dos antigos símbolos. Assim, Motolinía deteve-se nas descrições sobre esse tema e elaborou uma narrativa teatral recheada de tensões entre as forças do Bem e do Mal:

“A muchos se les ha parecido el demonio muy espantoso y diciéndoles con muchas furia: ‘¿por qué no me servís?, ¿por qué no me llamáis?, ¿por qué no me honráis como solíades?, ¿por qué me habéis dejado?, ¿por qué te has bautizado?’; y éstos llamando y diciendo: ‘Jesús, Jesús, Jesús’, son librados, y se han escapado de sus manos, y algunos han salido muy maltratados y heridos de sus manos, quedándoles bien qué contar; y así el nombre de Jesús es conhorto y defensa contra todas las astucias de nuestro adversario el demonio”.⁶

Para além dos embates sobrenaturais, o conflito “Deus-diabo” evidencia-se nos conflitos físicos entre os neófitos e as antigas elites e autoridades. A estratégia missionária adotada pelos religiosos no início de seus trabalhos foi evangelizar os filhos dos *principales* da Nova Espanha o que, segundo Motolinía, dava resultados satisfatórios. Em geral esses garotos tinham boa disposição e gana para aprender as coisas de Deus. Desde o início,

percebeu-se a resistência das elites indígenas em dar seus filhos, substituindo-os por filhos de seus empregados. Porém quando os padres ultrapassavam esse primeiro obstáculo, o resultado da conversão era positivo. Dessa forma, podemos supor duas possibilidades: a de que os jovens tiveram sucesso e converteram os antigos “sacerdotes do demônio”; ou então, que houve indisposições e uma situação de conflito permanente entre as duas gerações. Motolinía percorre os dois caminhos, porém seu relato ganha intensidade ao tratar das tensões e dos vários martírios entre os recém convertidos.

Em Tlaxcala, os frades ensinavam sobre o “verdadeiro Deus” e Ometochtli rebatia as afirmações e ensinamentos cristãos. Num dia, garotos do convento local foram se banhar no rio e, no caminho, passaram por seguidores e pelo próprio “deus do vinho”⁷. Os meninos afirmaram não ter medo daqueles indivíduos e, para provar, atiraram várias pedras em Ometochtli até matá-lo. Ao fim, comemoraram a “morte do diabo” e causaram grande tristeza entre os súditos daquela deidade que, nesse episódio, perceberam a “falsidade de seu deus”⁸. Ainda em Tlaxcala, onde Motolinía ficou bastante tempo, ocorreu outro caso notável: o dos três meninos que foram mortos enquanto destruíam ídolos em missão evangelizadora. Antonio, Juan e Diego eram garotos recém convertidos ao Cristianismo, porém com muito ânimo para as coisas de Deus. Tanto é que, desde cedo, iam pelos lugares mais distantes onde, segundo Motolinía, escondiam-se muitos ídolos do demônio, e destruíam tudo o que encontrasse das antigas práticas. Durante uma dessas incursões pelos templos eles foram atacados e mortos com violência. Só Antonio não morreu e tirou do silêncio esse caso. Motolinía, em tom dramático, finaliza o relato: Martín de Valência, que havia dado a benção aos garotos antes da partida, recordou da coragem dos meninos (“*¿No mataron a San Pedro crucificándole y degollaron a San Pablo y San Bartolomé no fue desollado por Dios? ¿Pues por qué no moriremos nosotros por Él, si Él fuere de ello servido?*”) e chorou⁹. A possibilidade de paz, aqui, residia no sucesso da conversão a partir da extirpação da idolatria. Os religiosos tinham a missão de levar adiante essa tarefa para acabar com esses desencontros.

As divergências missionárias

O quarto e último conflito que aqui nos ocuparemos é aquele entre os próprios religiosos. Nesse caso não se trata de contatos físicos, mas de disputas políticas, intelectuais e teológicas, das quais dependia o andamento dos trabalhos missionários na Nova Espanha. Dentre algumas situações, as disputas entre franciscanos e dominicanos ganharam destaque, sobretudo nas divergências sobre a administração dos sacramentos aos nativos. Uns e outros registraram essas desavenças e tentaram, cada qual à sua maneira, convencer as autoridades (também destinatárias das crônicas e cartas dos religiosos) da legitimidade de suas práticas. As disputas sobre o batismo, a confissão e o matrimônio foram as mais freqüentes. Em termos gerais, Motolinía acreditava que esses sacramentos eram necessários, independentemente da preparação teórica dos indígenas. Ele postulava a simplicidade nos rituais, ao contrário das propostas e críticas de alguns dominicanos¹⁰. Para autorizar sua proposta, o autor da *Historia* narrou (não sem dramaticidade) vários casos, sempre destacando a “vontade” dos nativos para o sacramento e, por vezes, a negligência de religiosos que não cumpriam com sua missão, como no caso das duas *viejás* que tiveram seu pedido de batismo recusado e responderam:

“¿A mí que creo en Dios me quieres echar fuera de la Iglesia?
Pues si tú me echas de la casa del misericordioso Dios, ¿a
dónde iré? No ves de cuán lejos vengo, y si me vuelvo sin
bautizar en el camino me moriré? Mira que creo en Dios; no
me echas de su iglesia”¹¹.

Neste, como nos demais conflitos registrados por Motolinía, a possibilidade de negociação está na ação dos missionários, em especial, dos franciscanos. A recusa em confessar ou batizar os indígenas impossibilitava a conversão, o que permitia a persistência da atuação demoníaca na Nova Espanha. A Providência divina deveria ser cumprida e as negociações lideradas pelos frades menores transformavam-se, assim, na esperança para a paz, justiça e fraternidade. Se a sociedade novo-hispana assentava-se, inevitavelmente, sobre cenários de conflito, o acordo e a convivência pacífica entre os diversos encontrava saída, segundo Motolinía, na cristianização. Assim, a estabilidade política passava pelo

sucesso da conversão e pela ação franciscana para que: os indígenas não representassem ameaças à ordem colonial; o diabo fosse derrotado e lograsse a evangelização; houvesse justiça no trato entre colonos e nativos; existisse simplicidade e efetividade nos trabalhos missionários e assim por diante. Desse modo, Motolinía registrava as tensões e conflitos e, ao mesmo tempo, propunha o trabalho missionário paciente (*“patientia necessaria est”*) pautado no amor e fraternidade cristãos como esperança de se alcançar a paz.

¹ Na *Historia de los indios de la Nueva España*, que aqui estamos nos ocupando, Motolinía limita-se a descrever as guerras, sem maiores considerações ou análises aprofundadas (como na Epístola Proeminal ao Sexto Conde de Benavente e no capítulo XVI do Tratado III). Porém, nos *Memoriales*, ele esboça algumas hipóteses para compreender os motivos pelos quais havia a guerra, inclusive trabalhando com o conceito de “guerra justa” entre os Astecas. Num estudo sobre o tema, Justyna Olko analisa as descrições feitas por alguns missionários sobre os conflitos entre os indígenas. OLKO, Justina. “Los mensajeros reales y las negociaciones de paz. El concepto de la guerra justa entre los aztecas”. In: *Revista Española de Antropología Americana* [versão on-line]. Madrid, vol. 34, pp. 125-148.

² MOTOLINÍA, Toribio B. *Historia de los indios de la Nueva España*. 7^a. ed. Cidade do México: Porrúa, 2001, p. 159.

³ Há um trecho singular a esse respeito, no capítulo V do Tratado III, onde Motolinía encontra em Martín de Valência o símbolo da esperança de conversão dos indígenas sem o recurso às armas ou à guerra. A integração social entre todos deve partir do princípio cristão do amor e da fraternidade. Essa é a vontade e o ponto de partida do franciscano, ainda que ele admita o uso da força, caso seja necessário. Esta última hipótese aparece com maior nitidez na “Carta al Emperador”, de 1555, escrita por Motolinía e endereçada a Carlos V.

⁴ A cobiça é, segundo Motolinía, um dos males trazidos pelos espanhóis e que deve ser imediatamente eliminado. Para o religioso, o apego desmedido às coisas materiais é tão pernicioso que causa atritos entre os próprios colonos, que guerreiam pela posse de terras, ouro, indígenas e africanos escravos. Tal é a preocupação de Motolinía que ele enquadra os confrontos entre os espanhóis como a “décima praga” que assolou o Novo Mundo; a solução a esse conflito foi dada por três frades franciscanos que apaziguaram os ânimos. Cf. MOTOLINÍA, Toribio B. *Op. Cit.*, pp. 21-2. Porém, a crítica dos religiosos às ações do colonos geraram outro tipo de embate, entre missionários e civis, como percebemos no trecho final do capítulo IV do Tratado III, às páginas 193 e 194.

⁵ MOTOLINÍA, Toribio B. *Op. Cit.*, p. 157.

⁶ MOTOLINÍA, Toribio B. *Op. Cit.*, p. 158.

⁷ Quando Motolinía denomina Ometochtli de “deus do vinho”, podemos perceber a transposição de conceitos de sua cultura (o “deus do vinho” - possivelmente a partir dos modelos clássicos de Dionísio e Baco) para “traduzir” a cultura do outro (Ometochtli era o deus da bebida, o *pulque*). Logo temos duas situações: a primeira é a tradução operada pelo frade, buscando a compreensão do outro a partir de conceitos e noções que são exógenos àquela cultura. A segunda é a leitura moral feita pelo religioso: “os indígenas viviam embriagados, influenciados pelo ‘demônio’ Ometochtli”, sem considerar que esse era o costume das celebrações locais e que “estar fora de si” era prática corrente nos rituais. Para uma discussão sobre a alteridade nesses termos, ver: HARTOG, François. *O Espelho de Heródoto: Ensaio sobre a Representação do Outro*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

⁸ MOTOLINÍA, Toribio B. *Op. Cit.*, pp. 249-250.

⁹ MOTOLINÍA, Toribio B. *Op. Cit.*, pp. 256-9.

¹⁰ Conforme podemos perceber na carta de 1554 do dominicano Andrés Moguer: “Na maioria dos lugares e em outros lugares, contentam-se em lhes dizer uma missa cada ano; veja V.A. que doutrina poderão dar a estes [índios]”. Carta de Andrés Moguer, enviada ao Conselho das Índias em 10 de dezembro de 1554. In: SUESS, Paulo. *Conquista Espiritual da América Espanhola – 200 documentos do século XVI*. Petrópolis: Vozes, 1992, p. 851.

¹¹ MOTOLINÍA, Toribio B. *Op. Cit.*, p. 126. A partir dessa crítica feita por Motolinía, é possível sondar e discutir quais são as concepções dele sobre a conversão do indígena, o que por ora reservaremos a outra pesquisa.